



CULTURA PROFISSIONAL

O PRIMEIRO PLANO PARA UMA GUERRA ATÔMICA

Por ROBERT KLEIMAN
"U.S. News and World Report" (1955)

O Exército da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), na Europa Central, cujo efetivo é da ordem de 400.000 homens, recebeu recentemente uma nova diretiva: Se a Rússia atacar, deverá resistir e lutar pela Alemanha ocidental, em vez de retirar-se para trás do Reno, como prescrevia a anterior.

Esta "estratégia forward" é o primeiro resultado de uma histórica resolução tomada por 14 nações para firmar os planos de defesa do Ocidente nas armas táticas atômicas. Essa resolução adotada em dezembro último está produzindo uma reorganização revolucionária das forças militares aliadas.

A reorganização é tão ampla e profunda que durará cinco anos e custará milhares de milhões de dólares. As Divisões do exército, os Grupos de aviação e todas as Unidades militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) terão que ser reformadas e reconstituídas completamente. Tem-se planejado mudanças drásticas em táticas, dotações, dispositivos, bases, instruções, instalações sanitárias, co-

municações, processos de mobilização e abastecimento de guerra.

As mudanças correspondem a um duplo propósito: reduzir a extensa vulnerabilidade da NATO a ataques atômicos dos soviéticos; fazer da potência atômica da NATO a arma central do campo de batalha, ao redor da qual manobrarão todas as forças convencionais.

O plano: manter-se firme e lutar.

Os planos de guerra já estão sendo revisados. A "linha" principal de defesa na Alemanha foi colocada entre 160 a 320 km para Leste. Os novos planos partem da base que a superioridade atômica dos Estados Unidos já pode compensar a grande vantagem da Rússia em poderio humano.

A importância da nova estratégia pode apreciar-se num feito eloquente.

Havendo a guerra, as 20 Divisões ativas da NATO defenderão — em vez de abandonarem inicialmente — a maior parte da Alemanha ocidental, seus 50 milhões de habitantes e sua poderosa indústria.

As provas afirmam :

A "estratégia forward" atômica da NATO tem sua origem num estudo do general Alfred M. Grüenther, do Q.G. Supremo das Potências Aliadas, intitulado "New Approach" que levou uns anos de trabalho.

O estudo "Secreto Cósmico", com mais de 3.000 páginas, foi completado em junho passado. Suas 32 páginas de propostas foram aprovadas em dezembro último pelos ministros da Defesa, da Fazenda e das Relações Exteriores dos 14 países da NATO.

As autoridades civis da NATO tem reservado para si a faculdade de colocar em tempo de guerra o emprêgo de armas atômicas. Mas o general Grüenther teve autorização para rever todos os planos de defesa caso a Rússia resolva atacar.

O estudo "New Approach" analisa a capacidade atômica dos Estados-Unidos e dos Soviéticos, os efeitos das explosões nucleares sobre todos os tipos diferentes de forças armadas e a relação de armas convencionais do Oriente e Ocidente.

Foram analisados nove planos de guerra sobre a carta (jogos de guerra) ao largo da frente de 6.400 quilômetros desde o Cabo Norte na Noruega, até o Monte Ararat na Turquia.

As conclusões principais que agora constituem a essência dos planos de guerra da NATO, são estas :

— O poder humano superior da Rússia ganharia uma guerra europeia baseada em armas convencionais. A Rússia só poderá ser derrotada empregando-se desde o começo o estoque nuclear superior dos Estados-Unidos :

— A NATO tem acesso ao abundante estoque nuclear dos Estados-Unidos e dispõe de todas as bombas atômicas de guerra que necessitar. Os meios de lançamento dos Estados-Unidos podem alcançar qualquer alvo vantajoso soviético, desde a Alemanha oriental até Vladwostok :

O estoque da Rússia, de umas "poucas centenas" de armas atômicas aumenta continuamente. Os

bombardeiros e os projetéis dos Soviéticos podem alcançar qualquer alvo vital da NATO na Europa. Mas durante os cinco próximos anos o poder bélico russo estará travado pela sua "escassez atômica".

A Rússia falta uma suficiente quantidade de armas atômicas para bater todos os alvos na Europa ocidental, que tenham que ser destruídos rapidamente afim de assegurar a vitória dos soviéticos ;

— Se a Rússia puder reparar essa inferioridade, não precisará igualar ao estoque dos Estados-Unidos para obter a possibilidade de vitória. A razão : Todos planos aliados supõem que a Rússia realizará as primeiras explosões e começará a guerra com certo grau de surpresa. A guerra preventiva para o Ocidente está lançada ;

— Muito embora o estoque e os meios de lançamento dos Soviéticos aumentem e melhorem, a NATO pode manter uma suficiente superioridade para assegurar a derrota dos Soviéticos. Essa superioridade, a essência do poder paralizador da NATO, só pode ser mantida mediante a transformação de suas forças armadas.

A GUERRA PODE TERMINAR RÁPIDAMENTE

Se uma Divisão de infantaria pode ser modificada profundamente, em sua organização e se troca radicalmente seu dispositivo de maneira que sejam necessárias 10 a 20 cargas atômicas dos Soviéticos para destruí-la, em vez de uma só explosão que a coloque fora de combate, a segurança da NATO estará multiplicada enormemente.

O mesmo princípio deve aplicar-se a todas as forças táticas e instalações da NATO.

— As forças militares, principalmente a capacidade atômica da NATO, serão os alvos de máxima prioridade para o ataque soviético numa III Guerra Mundial.

Cidades que são centros de governo, como Washington e Londres, também serão classificadas como de grande importância em qualquer plano de guerra dos Soviéticos. Devem esperar-se explosões em zo-

nas industriais; porém, terão uma prioridade muito inferior, como alvos, a que tenham as forças da NATO, os centros de radar, portos, chaves e redes de comunicações.

— Uma guerra nuclear alcançará sua culminação destruidora em poucos dias ou semanas porque ambos os lados "liquidarão" aceleradamente seus estoques atômicos. A guerra poderá ser curta ou não, mas o resultado estará determinado pelo período atômico inicial, o qual constituirá fator decisivo.

— Só as forças e as armas que estejam prontas para o Dia D. ou muito pouco depois, estarão em condições de participar numa batalha decisiva.

O período de organização que durou para os Estados-Unidos três anos depois de haver começado a II Guerra Mundial, agora deve efetuar-se antes que a guerra, inicie. As doze divisões ativas alemãs a serem criadas conforme o Conselho de Paris, são mais importantes que todas as divisões de reserva projetadas na atualidade para que estejam prontas depois do primeiro mês de guerra.

— Ao começar imediatamente a organização de todas as forças combatentes, a NATO aproveitará um intervalo de trégua que pode durar uns 5 anos. O estudo "New Approach" não vai além de 1960; mas isto mostra que depois de 1960 a segurança dependerá de novas armas de represália que atualmente só estão num período de desenvolvimento. Essas armas são: aviões de retropropulsão que levantam verticalmente, projetéis dirigidos supersônicos de grande alcance e foguetes balísticos inter-continentais.

Essas armas deverão ser tão numerosas e tão móveis que nenhum ataque inimigo possa destruir mais de uma pequena parte da capacidade atômica da NATO.

Dois expressões chaves: "compressão do tempo" e "absorção":

O plano do "New Approach" detalha as inúmeras trocas necessárias às forças da NATO durante os próximos cinco anos. Mas entre os mi-

lhares de problemas criados, existem dois que falam ao coração de todos os outros. Eles são conhecidos nos círculos da NATO como "compressão do tempo" e "absorção"; duas expressões que tem amplas significações.

Compressão do Tempo é uma expressão que exprime a diferença fundamental entre a guerra atômica e todas as outras guerras do passado.

Significa que um só avião de bombardeiro de combate num instante, pode destruir uma cidade completamente assim como fizeram durante semanas os raids de 3.700 bombardeiros da 8ª Força Aérea na II G.M.

Os aviões vôm agora quase tão rapidamente como o som e logo voarão numa velocidade ainda maior. Copenhague está somente a 13 minutos de uma bomba "H" dos Soviéticos; Londres à uma hora. As bases aéreas dos Estados-Unidos atrás do Reno esperam que a advertência de um ataque aéreo dos Soviéticos chegue no máximo 20 minutos antes e isso se tiverem sorte.

Compressão do Tempo significa que as horas valem agora como os meses da II G.M., os minutos como dias. Significa que mais perdas humanas e danos podem infringir-se agora numa semana que durante anos de guerra convencional.

É pela compressão do tempo que as divisões dos Estados-Unidos na Alemanha mantêm a metade do seu pessoal em campanha permanentemente. Toda divisão está preparada dia e noite para empacotar tudo o que possui e colocar-se em combate num prazo máximo de duas horas. Razão pela qual em toda base de aviões de combate dos Estados-Unidos na Europa, quatro aviões de retropropulsão Sabre encontram-se com seus motores quentes em posição de levantar vôo durante as 24 horas do dia. Chegando um alarme, eles estarão no ar em menos de cinco minutos. Outros quatro aviões dirigem-se a pista logo em seguida, enquanto aqueles ainda correm por ela.

QUADRO B

O QUE SIGNIFICA "COMPRESSÃO DO TEMPO"

Na guerra atômica	EQUIVALE	Na guerra convencional
- Vôo de bombardeiro leve carregado desde a base soviética até Londres - 1 hora.	"	- Vôo de bombardeiro leve carregado de Moscou até Londres, 5 horas à mais.
- Danos causados por uma bomba lançada por avião num instante.	"	- Danos causados por 3.700 bombardeiros numa semana.
- Uma semana de combate.	"	- Um ano de combate.
- Uma hora de combate.	"	- Um mês de combate.
- Um minuto de combate.	"	- Um dia de combate.

Não existe bombas no continente :

Todos os planos da NATO foram revistos, para se ajustarem à compressão do tempo. O mecanismo da mobilização sofrerá uma revisão geral. Os planos de produção de guerra perderam muito de sua importância.

Não se sabe quantos centros de produção cairão depois da primeira semana de guerra.

Tornar-se-á mais importante proteger os operários competentes mediante o fechamento das fábricas e a evacuação das cidades antes de um ataque, se houver advertência. As fábricas poderão ser reconstruídas; pedir-se-ia, em troca, uma geração para substituir técnicos competentes.

A compressão do tempo juntamente com a vantagem dos russos de produzir a primeira explosão, significa que o destino do Ocidente dependerá do alistamento no dia D. Acima de tudo porém, o resultado da guerra dependerá da ação dos bombardeiros e projetéis atômicos dos Estados-Unidos destinados a contra-atacar instantaneamente e destruir a capacidade atômica da Rússia.

De todas as exigências táticas que apresenta a compressão do tempo, uma domina o pensamento de todos os comandantes da NATO: é a exigência denominada "estoques acessíveis" de armas atômicas, na terminologia do plano de "New Approach".

As Unidades do exército e da aviação dos Estados-Unidos estacionadas na Alemanha e França dispõem de bombardeiros, canhões, fo-

guetes e projetéis dirigidos capazes de lançar explosivos atômicos.

Atualmente não existe nenhuma bomba atômica, projetil atômico ou cabeça atômica de foguete de guerra em todo o continente europeu.

Um alto chefe da Força Aérea dos Estados-Unidos na Alemanha, ao ser interrogado: quantas horas levariam para chegar as bombas atômicas pedidas na Inglaterra, moveu a cabeça e respondeu: "levaria mais que horas".

Os porta-aviões da 6ª Frota dos Estados-Unidos no Mediterrâneo tem provisão atômica. Mas eles não podem intervir eficazmente na perigosa frente central da Alemanha.

BOMBAS FEITAS NA INGLATERRA

Bombas atômicas estão disponíveis para 200 bombardeiros leves e aviões de combate bombardeiro na Inglaterra e para as esquadrilhas do Comando Aéreo Estratégico daquela rota. Bombas atômicas americanas tem sido depositadas na Grã-Bretanha desde o bloqueio de Berlim em 1948. Mas um acordo estabelece que é necessária a permissão pessoal do Primeiro Ministro Britânico antes que sejam levadas nos aviões. Os Estados-Unidos até o presente momento não tem pedido a nenhum outro governo europeu para depositar bombas atômicas em seu território.

Os motivos são complexos, temendo-se que um pedido para depositá-las, originasse uma intensa agitação política na Europa. Comunistas, e anti-americanistas profissionais fariam disso uma grande questão. Outros europeus poderiam voltar atrás

ante o perigo que os exporiam tais depósitos e mais as explosões atômicas soviéticas.

Anos atrás, o general Mathew Ridgway, então Chefe Supremo Aliado, propôs que junto com o primeiro transporte de canhões de 28 cm para Europa fossem enviados projéteis atômicos. Seu pedido foi negado em Washington; ali o problema fôra encarado cautelosamente.

Materiais de lançamento atômico foram embarcados para Europa sem cabeças atômicas com o objetivo de instruir as tropas e acostumar os europeus a sua presença. Uma escola americana aberta na Baviera tem instruído até agora 700 oficiais da NATO nas táticas atômicas elementares. Realizaram-se grandes exercícios e manobras na NATO para elucidar problemas atômicos.

A Lei da Energia Atômica dos Estados Unidos foi modificada pelo Congresso para permitir que os chefes superiores da NATO lhes desse uma informação mais ampla.

Agora pode-se falar sobre os efeitos das armas, a "família" ou gama de armas atômicas e os estoques que se tenciona destinar aos seus comandantes.

O fundamental: átomos:

O centro de gravidade desse esforço de instrução, além de sua importância militar primária, foi o estudo do "New Approach". Participaram dele centenas de oficiais dos Estados Unidos, Inglaterra e França durante mais de um ano. O estudo convenceu aos chefes do Estado-Maior das 14 Nações da NATO, que todos os planos futuros deveriam basear-se em armas atômicas.

Quando o "New Approach" — como um oficial qualificou o estudo do "New Approach" — foi aprovado unânime pelos 14 governos da NATO em dezembro último, foi aberta a porta para se abordar a questão dos "estoques". Um alto chefe dos Estados Unidos qualificou essa unânime resolução como "a maior ação diplomática dos Estados Unidos desde a II G.M."

Ainda que o plano do "New Approach", tal como foi aprovado, estabelecesse um requerimento de es-

toques atômicos, a questão ficou guardada desde dezembro. A razão foi evitar toda a falta de paz política que viesse perturbar o rearmamento alemão.

DISPERSAR PARA SOBREVIVER

Cercados como ficaram os comandantes da NATO pela falta de estoques atômicos, o outro problema grave da guerra atômica, o da "absorção", deveria ser encarado por eles com resoluções de urgência consideravelmente maiores.

Em suas três simples sílabas, a palavra "absorção" define a mais importante exigência para todas as forças militares na era atômica: sobrevivência; mas significa, por sua vez, "sobreviver mais".

Poder absorvente é a capacidade de receber ou absorver pesadas explosões nucleares soviéticas sem perder a capacidade de lutar eficientemente.

Sem poder absorvente, um grupo da aviação não poderá levantar do solo.

Tão pouco a mais poderosa Divisão dos Estados Unidos poderá resistir ao ataque de um regimento soviético.

Sem um poder absorvente que se mantenha eficiente ante o crescente estoque nuclear russo, a NATO pode perder a III G.M. num só ataque inicial soviético. Um dos chefes supremos da NATO descreve a urgência do problema de absorção nesta forma:

"Atualmente, mesmo que os pedidos das forças da NATO fossem satisfeitos totalmente, as partes substanciais destas forças, no caso de estarem desenvolvidas de modo convencional, seriam destruídas ou desorganizadas antes de executarem contra ao inimigo."

Alguns dos problemas de criação da capacidade absorvente são relativamente simples. Até agora, só uma arma atômica poderia inutilizar uma Divisão, fazendo-a uma presa fácil para o ataque terrestre. Novos planos táticos já tem começado a reduzir esta vulnerabilidade. O principal objetivo é permitir um dispositivo tão disperso que um só estalo atômico destrua mais de um

dos sete ou oito batalhões de infantaria. O estudo "New Approach" mostra que um dispositivo dessa índole poderia manter reduzidas as perdas do combate numa guerra atômica, não excedendo em dobro aos da II G.M.

O estudo revela que um batalhão de infantaria não pode ser dispersado sobre uma zona maior que a superfície lateral de uma arma atômica sem que se perca a ação do comando. Projeta-se por tal motivo, uma dispersão entre os batalhões e não dentro de cada um deles.

As divisões blindadas dos Estados Unidos já estão próximas da organização necessária para o combate atômico. Elas também possuem aptidões para fazer a travessia por campo, o que facilita a dispersão e pode evitar congestionamentos pelos caminhos. Seu trem blindado de abastecimento é muito mais seguro que o de uma Divisão de infantaria.

As Divisões de infantaria precisam de uma revisão a fundo.

Uma só explosão atômica pode inutilizar uma divisão de infantaria ao destruir sua artilharia na posição de um dispositivo pouco extenso, seu regimento de reserva ou sua zona de quartel-general.

Novos planos exigirão que cada divisão tenha um quartel-general suplementar com uma equipe de estado-maior. A artilharia será fracionada em unidades menores, de auto-propulsão, que podem reunir-se rapidamente quando for necessário e dispersar-se noutro caso.

Ao invés de serem os regimentos de infantaria as menores unidades que possam atuar independentemente, mais tarde terão que ser os batalhões.

Os batalhões serão capacitados para realizar ações independentes. Para substituições depois de uma explosão atômica ter-se-á que enviar batalhões inteiros e não soldados isolados como na II G.M.

Terão que ser estudados e resolvidos uma série de problemas complicados de comando, comunicações, transporte, abastecimentos e de efetivo.

Para esse fim, nos Estados Unidos tem-se realizado manobras e exer-

cícios com as divisões experimentais. Espera-se que as divisões dos Estados Unidos comecem sua reorganização no fim deste ano (1955). Duas divisões francesas já modificaram sua organização e são agora unidades da era atômica, com 12.000 homens de efetivo.

Em sua nova forma, os batalhões serão capazes de reunirem-se rapidamente para combater e dispersarem-se aos poucos em certas circunstâncias.

Estarão mais capacitados para aproveitar as coberturas naturais, o mascaramento, o estratagema e principalmente a mobilidade.

TÁTICA DE LUTA E DE PROTEÇÃO

As recentes manobras da NATO na Alemanha, nas quais tomaram parte 140.000 homens, demonstraram que o movimento e a proteção podem dificultar o encontro de alvos atômicos proveitosos, mesmo com as atuais organizações divisionárias. Uma brigada britânica de 5.000 homens, que mantinha uma frente de 5 quilômetros, dispersou-se numa profundidade de 34 quilômetros; suas unidades foram empregadas alternadamente, de dia e de noite, concentrando-se para combater e dispersando-se para ocultar. Táticas dessa natureza impediram que os dois exércitos opostos pudessem empregar mais de nove explosões atômicas em seis dias. Tinham o dobro dessa quantidade de "bombas" e "projéteis" atômicos, mas não puderam usá-los.

Se é difícil encontrar um alvo, mais ainda é abatê-lo antes que desapareça.

O pedido de um comandante de divisão para que se execute uma explosão atômica, deve passar pelo comando do corpo do exército sendo aprovado pelo chefe do teatro de operações antes que seja autorizado. Existem outras causas de demora, principalmente a análise do alvo a fim de que exista segurança para que se realize uma ação atômica. Os peritos devem determinar a classe da arma a empregar, a altura e a situação da explosão.

Quando se empregam aviões, as missões devem ser projetadas cuida-

dosamente, tendo em vista a segurança da situação.

O alvo precisa ser definido assim como é indispensável o acompanhamento por uma cobertura de aviões de combate.

Quando se emprega artilharia atômica, o serviço da peça deverá ser avisado. Terão que reconhecer a posição de fogo, durante o dia e ocupá-la preferencialmente a noite. As forças amigas próximas do alvo devem estar prevenidas.

Esses processos capacitam a artilharia atômica para realizar uma ação atômica com maior rapidez que um avião. Mas a ação atômica mais rápida na última manobra durou 4 horas. Outras levaram três ou quatro vezes mais de tempo. Quatro horas é o tempo suficiente para que uma divisão de infantaria percorra 130 quilômetros (88 milhas). Um deslocamento de 1,5 a 2 quilômetros é normalmente suficiente para evitar grandes baixas.

Um grupo de 2ª em "disparou" quatro projetéis atômicos durante os quatro dias de manobras. Numa dezena de outros alarques não se pôde fazer fogo porque o alvo havia desaparecido.

Dos cinco projetéis atômicos e quatro bombas atômicas "explodidas" em seis dias, somente três foram completamente eficazes. Várias foram as que caíram no vazio ou causaram males que poderiam ser produzidos com armas convencionais.

DUAS GRANDES FALHAS

Se todos os problemas de absorção que tem a NATO fossem resolvidos tão facilmente como o das Divisões do exército, os chefes superiores respirariam descansadamente. O que preocupa muito mais que as forças móveis são as instalações fixas.

Os estudos realizados pelos técnicos atômicos mostraram duas falhas vitais no "poder de absorção" que juntos solapavam a defesa da NATO mais que todas as outras falhas combinadas.

Uma delas é conhecida como a "vulnerabilidade dos aeródromos" e

a outra como o "complexo de Kaiserslautern".

Esta última nada tem com psiquiatria; mas existem alguns generais que duvidam da saúde mental de seus antecessores, os quais ordenaram sua construção.

Há quatro anos Kaiserslautern era uma tranqüila cidade do Palatinado, situada à 50 quilômetros a oeste do Reno, na zona de ocupação francesa da Alemanha. Desde a guerra da Coreia se tem convertido num ruído, turbulento e povoado centro administrativo do Comando da Região Ocidental dos Estados Unidos, com frequência considerado o melhor alvo na Europa para a bomba "H".

Aqui, atrás do Reno, em ambos os lados da nova linha de comunicações dos portos atlânticos franceses, faz-se no "arsenal" do 7º Exército dos Estados Unidos na Alemanha.

É um grande depósito de abastecimentos, o maior da sua espécie na Europa ocidental.

Os dois Corpos e as cinco divisões do 7º Exército a Leste do Reno tem consigo abastecimentos que somente chegam para 10 a 14 dias de combate.

Tudo mais que eles podem precisar durante os primeiros 90 dias de guerra está armazenado ao Oeste do Reno na Alemanha e França. A maior parte deles está no Comando da Região Ocidental.

CANHAIS, SUBSISTÊNCIAS, MATERIAL SANITÁRIO

Instalados numa zona que abrange 65 quilômetros quadrados se encontram 2/3 dos abastecimentos de combate armazenados na Europa para as forças terrestres dos Estados Unidos. São hectares e hectares de munições, nafta e outros combustíveis, subsistências, 120.000 instrumentos de salvadores, comunicações, arsenais, veículos, vestuário e equipe sanitária.

Porém, isso não é tudo. Um retângulo de 110 x 60 quilômetros ao redor de Kaiserslautern também continua:

— a única divisão blindada dos Estados Unidos na Europa;

— quatro dos cinco grupos de artilharia atômica na Alemanha;

— seis bases aéreas, abrangendo quase a metade dos aviões e os aviadores da Força Aérea Tática dos Estados Unidos na Europa e um grupo (Wing) de aviões "Sabre" a reação do Canadá;

— o Quartel-General da Força Aérea Tática dos Estados Unidos na Europa; o Quartel-General de uma das duas forças aéreas táticas da NATO na Europa Central; o centro de controle da rede de radar dos Estados Unidos na Alemanha;

— todos os projetéis dirigidos atômicos da Força Aérea dos Estados Unidos na Europa;

— um total de 50.000 soldados e pessoal da aviação, mais seus 30.000 familiares.

SONHO OU PESADELO

Mais de 500 milhões de dólares dos fundos para despesas de ocupação da Alemanha foram gastos em quatro anos para construir o complexo de Kaiserslautern, formado por armazéns, aeródromos, oficinas de reparação, desvios ferroviários, alojamentos, hospitais e casas para famílias.

O valor total do material do exército e da aviação dos Estados Unidos nesta superfície, ascende a milhares de milhões de dólares.

Tudo tem sido disposto acertadamente para outra III G.M. Os abastecimentos estão dispersos suficientemente contra um bombardeiro convencional, e excelentemente concentrados para um eficaz controle e um rápido envio para frente. As unidades empregadas através do Reno teriam os abastecimentos a pouca distância de sua retaguarda. Os aviões de combate e de bombardeio estariam a pouca distância para proteção do campo de batalha e para a cobertura aérea.

Em todo sentido, o complexo de Kaiserslautern é o sonho de um comandante em chefe da III G.M. Para os peritos da guerra atômica dos Estados Unidos é um pesadelo.

Um perito tem calculado que o complexo inteiro poderia ser transformado em ruínas inúteis por três bombas "H" bem colocadas e nove

projetéis atômicos pequenos. Os russos nem sequer tentariam arriscar um avião. Dispõe de lança-foguetes V2 dentro do alcance.

A DISPERSÃO PARALISA

Todos os chefes militares dos Estados Unidos estão de acordo em que a base de Kaiserslautern deve ser completamente desmontada. É, entretanto, uma tarefa difícil.

Os peritos acham que será necessário tanto tempo para desfazê-la quanto se levou para construí-la. É difícil obter terra na Europa onde toda área arável é cultivada. A construção é lenta. Os fundos para construções estão diminuindo, pois os orçamentos de defesa são reduzidos em todas as partes.

O problema material de espaço para armazenamento se complica por um problema de estratégia logística. Existe um limite quanto a distância que se pode dispersar os abastecimentos e as instalações para reparar materiais sem comprometer sua eficiência e seu controle. Instalações dispersas requerem mais transportes e mais unidades de serviço, reduzindo assim os efetivos de combate.

O exército dos Estados Unidos está tratando atualmente de aumentar a força de combate, modificando a relação de 50 por 50 entre os efetivos de combate e os de serviço para 60 por 40.

Os que preparam planos atômicos insistem, sem embargo, que os abastecimentos sejam dispersados ao máximo, recorrendo-se a numerosas instalações duplicadas. A perda de um depósito de nafta ou de materiais de comunicações, causada por uma explosão atômica, seria muito menos grave se houvesse vários outros disponíveis.

É mais importante ainda o fato de que a dispersão progressiva dos abastecimentos pode aumentar o poder de absorção total da NATO. Pode contribuir para que os russos tenham um número maior de alvos além do que seu estoque nuclear os permita bater. Se isto é vital no caso de ocorrer a guerra, é ainda mais essencial para o seu efeito paralizador.

Todavia, ao mesmo tempo que estão sendo dados os últimos retoques em diversos projetos de construção na base de Kaiserslautern já estão sendo executados os primeiros passos para sua desmontagem. O problema de Kaiserslautern pode ser resolvido, desde que se disponha de dois a quatro anos. Por esse motivo passa para segundo plano, ante o outro problema grave de absorção que olha o alto comando da NATO: o da vulnerabilidade dos aeródromos de retro-propulsão.

OS AERÓDROMOS NÃO PODEM ESCONDER-SE

As divisões podem proteger-se mediante sua mobilidade. Os abastecimentos podem dispersar-se e esconder-se. Os aeródromos, porém, não podem ocultar-se nem mover-se. Sua capacidade de dispersão é por outra parte, limitada.

O estudo de um aeródromo para aviões de combate a retro-propulsão dos Estados- Unidos na Europa mostra que uma explosão aérea de bomba atômica pequena do tipo de Hiroshima poderia produzir um desastre. Bem aplicada, num momento favorável, poderia eliminar 80 % do pessoal e 75 % dos aviões do grupo.

Um comandante supremo da NATO expressou textualmente o seguinte: "Se os russos não fizerem outra coisa com seus estoques atômicos durante o primeiro dia de guerra a não ser destruir todos os aeródromos da NATO, terão feito muito para assegurar sua vitória na Europa".

Os peritos que foram encarregados de estudar a dispersão de cada um dos aeródromos sobre uma maior extensão, tem abandonado o trabalho, desanimados pelas dificuldades.

O aeródromo normal para aviões de retro-propulsão da NATO já ocupa 1.100 acres (uns 250 km²) e cada um possui uma pista de 1,5 milha de comprimento (2,4 quilômetros). Alguns aeródromos tem se apossado até de 50 granjas.

A expansão em muitos casos exigirá o nivelamento de localidades e o deslocamento de populações. Em

qualquer parte será difícil, custosa e levará anos.

Mas, um aeródromo dispersado numa maior superfície para reduzir à metade as baixas infringidas por uma bomba atômica, "Hiroshima" ganharia pouco. Sofreria as mesmas perdas que antes pois seria batido pelo tipo mais recente que tem o dobro de raio letal. Os Estados- Unidos possuem bombas atômicas que tem raio de ação três vezes maior que o da bomba de Hiroshima.

COMO REDUZIR AS PERDAS

Foram adotadas precauções que podem diminuir as perdas de aviões e de pessoas, mas só aquelas que levem pouco tempo e pouca despesa. Algumas medidas são claras, como as de abrir canais e ensinar ao pessoal como proteger as cabeças e deitar ao solo para evitar lesões por queimaduras fora da zona letal.

Alguns dos que preparam planos aconselham, não obstante o custo, que os alojamentos sejam reconstruídos para repartir o pessoal em múltiplas localidades, cada uma delas à várias milhas da base. Estão estudando os planos de trabalho dos grupos com o objetivo de reduzir ao mínimo possível a quantidade de pessoal reunido no centro de um aeródromo a qualquer hora.

Outro estudo satisfatório encara o emprêgo de grandes coberturas de baixa pressão as quais podem ser adaptadas facilmente às rodas dos aviões. Elas permitirão que um pequeno veículo reboque rapidamente um avião através de campos arados e o transporte para longe da pista.

Para dispersar os aviões seria necessário, neste caso derrubar os cercados e inutilizar amplas zonas cultivadas.

Outras medidas — como sejam, torres de controle alternadas — podem permitir que um aeródromo parcialmente danificado continue rapidamente suas atividades. Qualquer coisa que se faça, o esforço para reduzir a vulnerabilidade de cada um dos aeródromos é uma luta de poucos resultados.

O moderno aeródromo de retro-propulsão é considerado antiquado,

desde que haja uma arma que possa destruir sua pista sem possibilidades de rápida reparação. Essa arma é a bomba atômica que penetra na terra e explode debaixo da superfície. Faz com que os aeródromos afundem como um porta-aviões, sendo mais vulneráveis que estes devido a sua falta de mobilidade.

SAO NECESSARIOS LANÇA-BOMBAS MÓVEIS

A explosão subterrânea de uma bomba atômica da II G.M. ou de um projétil dirigido deixaria uma cratera radioativa de 800 pés de diâmetro (260 metros) e de 100 pés de profundidade. Uma bomba atômica maior deixaria uma cratera tão grande que seria mais barato e rápido construir um novo aeródromo do que repará-lo.

A única solução que os aviadores da NATO encontram é renunciar os aeródromos. Foguetes de grande alcance e foguetes dirigidos como os das esquadrilhas de bombardeiros (Matador) sem pilotos que agora se encontram na Alemanha, poderiam assumir algumas das funções dos aviões tripulados. Suas plataformas móveis de lançamento podem ser protegidas por freqüentes deslocamentos e ocultação.

Existirá sempre, entretanto, a necessidade de aviões com pilotos. O critério do piloto é essencial para cumprir tarefas de reconhecimento, de estreito apoio, de precisão, de ataque sobre formações em movimento e para abater outros alvos eventuais. A solução é um avião à reação que possa levantar-se verticalmente ou ser lançado de uma plataforma móvel.

Existe uma meia dezena de protótipos de tais aviões que estão sendo experimentados nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na França. Mas não de transcórrer de 3 a 5 anos antes que estes aviões possam ser empregados em grande quantidade.

Durante vários anos, por conseguinte, a NATO terá que depender dos aeródromos para sua segurança. O problema mais urgente que os comandantes da NATO atualmente enfrentam é como aumentar o "poder de absorção" das forças aéreas

existentes, atadas as pistas especialmente as de capacidade atômica que serão os alvos de máxima prioridade para a Rússia.

A RUSSIA TEM UMA GRANDE VANTAGEM

A dispersão dos aviões por um grande numero de aeródromos é o melhor que se pode fazer. É certo que não poderá evitar perdas. Mas, da mesma maneira que a dispersão dos batalhões terrestres e dos abastecimentos, pode contribuir para apresentar as forças soviéticas mais alvos atômicos do que elas podem abater em seu atual período de "escassez atômica".

A Rússia tem sobre esse aspecto uma vantagem. Os aviões soviéticos MIG-15 podem levantar voo de faixas de pastagem com 4.000 pés de comprimento. Os aviões de combate atômico dos Estados Unidos requerem atualmente o mínimo de 6.500 pés de pista concretada em aeródromos cuja construção leva anos. Como consequência, a Rússia dispõe agora de 300 aeródromos utilizáveis dentro do alcance da frente central; mais do dobro de quantidade da NATO.

A vantagem da Rússia aumenta pela deficiência no dispositivo das forças aéreas dos Estados Unidos na Europa.

De todas as forças aéreas da NATO, só os grupos dos Estados Unidos estão equipados e instruídos para lançar bombas atômicas. Os 550 aviões de bombardeiro de combate e os bombardeiros táticos dos Estados Unidos que podem levar bombas atômicas estão reunidos, como patos sentados, nos aeródromos da Grã-Bretanha, França, Alemanha e Holanda.

Poucas cargas atômicas soviéticas bem aplicadas podem desorganizar completamente a capacidade aéreo-atômica tática durante os primeiros dias decisivos da III G.M.

Já existe a possibilidade de dispersar o poder aéreo-tático da NATO em 10 a 15 vezes mais que agora.

Existem dificuldades técnicas e políticas; mas nenhuma delas é insuperável. Uma sugestão que se acha lá desde muito tempo em estudo é que os soldados da NATO

sejam equipados e instruídos para lançar bombas atômicas.

A INSTRUÇÃO DOS PILÓTOS DE BOMBAS ATÔMICAS

Os Estados-Unidos deram a seus aliados da NATO perto de 2.000 aviões de combate bombardeiro Thunderjet.

Todos estes aviões, podem ser adaptados para levar bombas atômicas. A maior parte dos Thunderjet serão substituídos no curso deste ano por Thunderstreaks mais rápidos e que já dispõem das instalações e instrumentos destinados ao emprego da bomba atômica. Um piloto bem instruído de avião a retro-propulsão, pode aprender em poucas horas como lançar a bomba atômica.

Não se sugere que as bombas atômicas deixem de pertencer aos Estados-Unidos em tempo de paz. O que está em causa é uma resolução dos Estados-Unidos para equipar e instruir agora os soldados da NATO a fim de cumprirem missões atômicas depois de iniciada a guerra. Durante o tempo no qual todo o "punch" atômico estiver prêso nas mãos dos Estados-Unidos, a vulnerabilidade das unidades americanas, aumentará, por causa do seu monopólio.

Nenhum alvo aliado terá uma prioridade maior para os atacantes soviéticos.

Dando-se logo ou não aos soldados da NATO uma tarefa de lançamento atômico, os oficiais dos Estados-Unidos vêm uma urgente necessidade em dispersar o poder aéreo numa maior quantidade de aeródromos.

CONSTRUÇÃO DE NOVAS BASES

Já foi construído um grande número de aeródromos da NATO. Quatro anos atrás havia apenas 15 aeródromos para aviões a retro-propulsão no continente europeu. Hoje, além de umas vinte bases britânicas, existem 165 aeródromos para aviões a retro-propulsão na Europa que estão prontos ou em construção. Dois terços destes estão atrás da frente central.

Mais de 125 aeródromos já estão preparados ou tem terminadas as pistas de 8.000 pés que permitirão seu uso em caso de emergência. Cada aeródromo dos Estados-Unidos custa entre 20 a 40 milhões de dólares.

Os aviadores da NATO não pretendem construir mais aeródromos. Seu objetivo é um melhor dispositivo das unidades aéreas. O primeiro passo será deixar cada uma das três esquadrilhas de um grupo num campo adequado. Alguns dos principais oficiais encarregados de preparar os planos acreditam, por último, que não deve haver mais de cinco aviões de um só tipo no campo.

Cada base teria no máximo 25 aviões; alguns destes seriam bombardeiros de combate, outros de interceptação em qualquer tempo, e ainda os de reconhecimento e bombardeiros leves. A perda de um dos campos não inutilizaria nenhuma de suas atividades, como ocorreria se a perda fosse 25 aviões de um só tipo.

Uma modificação tão radical no dispositivo da força aérea apresenta muitas dificuldades para o comando, abastecimento e conservação. Alguns aviadores dos Estados-Unidos acreditam que os chefes do grupo não podem ser instruídos para conduzir tantos tipos diferentes de unidades.

O plano está sendo agora o objeto de um sério estudo. Uma esquadrilha de aviões bombardeiro de combate atômicos dos Estados-Unidos foi destinada a uma base holandesa. Se o plano for levado a efeito, os 550 bombardeiros atômicos dos Estados-Unidos na Europa — que agora tem como bases nove aeródromos vulneráveis — estarão dispersados em 100 ou mais localidades.

COMO PROCEDER RAPIDAMENTE

Qualquer coisa que se faça com respeito a vulnerabilidade de aeródromos nos próximos anos continuará sendo um problema que só pode ser atenuado, mas não resolvido.

A NATO encara outros dilemas, todos criados mais depressa pela

compressão do tempo. A maior parte dêles consideram exclusivamente como questões, pois todavia tem que encontrar as respostas, como por exemplo: Como podem combinar 14 governos soberanos seus sistemas de "alarmes" de modo que qualquer advertência inicial de ataque possa ser utilizada em sua forma máxima? Nenhum governo pode negar à um comandante militar a autoridade para movimentar forças numa ação de guerra, passando por alto a faculdade do Parlamento para declará-la.

Como podem 14 nações "tomar" a resolução de empregar armas atômicas depois de um ataque soviético? Todas querem ser consultadas. Paris pode ser riscada do mapa antes que possa reunir-se o Conselho da NATO.

Pode a prisão de um possível bombardeiro "H" dos Soviéticos que esteja voando sobre território aliado ser considerado como motivo para começar os raids de represália dos aliados? Quem resolverá?

Como pode o Comando da Aviação Estratégica, dependente dos Estados-Unidos, ser combinado com o poder aéreo da NATO a fim de evitar que os ataques do inimigo produzam grandes efeitos.

Como se pode considerar o efeito de uma ação atômica sobre a moral, civil e militar, de modo que os planos possam ter em conta esse fator crucial?

AS LESÕES POR QUEIMADURAS SÃO UM PROBLEMA

O que se pode fazer — se algo pode ser feito — com respeito a defesa civil, a qual virtualmente não existe no continente europeu? Como podem ser atendidos milhões de queimados simultaneamente?

Nos Estados-Unidos um estudo realizado em 1950 revelou que 189.000 acidentados ocuparam as camas suplementares dos hospitais da nação. Demonstrou que 250.000 acidentados deixaram vazios os estoques de abastecimentos médicos nacionais. A Europa encontra-se numa situação de maior pobreza.

Quando o Chefe Supremo da NATO, General Gruenther, lutava

com este e outros problemas, um pensamento levantou seu espirito. Os comandantes russos deverão encarar os problemas similares e outros muito mais difíceis se eles atacarem o Ocidente.

No extenso Quartel-General Shape nos arredores de Paris, o cérebro e centro nervoso da defesa da NATO, nenhum oficial acredita que um dos lados possa "vencer" uma guerra atômica. Um dêles pode ser derrotado.

Qual? O general Gruenther tem repusado sempre esta questão. Sua conclusão sobre o que tem podido ver no mais distante possível, é esta: agora e durante os próximos cinco anos, uma guerra atômica veria derrotada a Rússia.

O otimismo do general Gruenther, baseado na aprovação de seus planos atômicos, o tem induzido a carregar com os perigos da nova "estratégia forward". Se existe uma prova de que as armas atômicas táticas tem feito em favor da defesa aliada, seria a seguinte:

Há quatro anos, quando o general Dwight D. Eisenhower chegou a Europa como Chefe Supremo perguntou a um militar que preparava os planos, quais eram as necessidades dos russos para chegar ao Atlântico. "General" respondeu-lhe, "tudo o que eles necessitam são botinas".

Há quatro anos, a NATO adotou um programa que permitisse a defesa no Reno em 1954.

Hoje a linha de defesa está deslocada para umas 100 a 200 milhas na direção do Leste. Encontra-se agora imediatamente diante da Cortina de Ferro e à frente de 160 milhões de europeus e dos Estados-Unidos, que estão assim protegidos pela referida linha.

O QUE SIGNIFICA "PODER ABSORVENTE"

- Unidades de combate mais reduzidas, de grande mobilidade.
- Divisões dispersas, dispostas em grupamentos de batalhões.
- Depósitos de abastecimentos dispersos e ocultos.

— Poder aéreo espalhado na mais ampla extensão possível com uma esquadriha por campo.

O objetivo: Apresentar ao inimigo uma quantidade de alvos atô-

micos maior do que ele possa abater; dêste modo é a potência conservadora que "absorve" um ataque inicial e castiga eficazmente o adversário.

AOS COLABORADORES!

Como **COOPERAÇÃO** muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que:

1. Daticografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando **UMA SÓ FACE DAS FÓLHAS DE PAPEL** e deixando espaço duplo entre as linhas.

2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.

3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).

4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.

5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, cite essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho; no caso contrário, obtenham autorização prévia.

6. **REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS** observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).

7. Assinem a última fôlha e **INDIQUEM O ENDEREÇO ATUAL** para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.